

**O habitat amazônico sob o enfoque da sustentabilidade:  
entre arquitetura erudita e vernacular**

**Ana Klaudia de Almeida Viana Perdigão**

Professora Doutora, UFPA, Brasil  
klaudiaufpa@gmail.com

## RESUMO

A sustentabilidade é tratada como matriz discursiva e interpretada na produção de arquitetura no contexto amazônico e estabelecem-se aproximações sucessivas entre teoria e prática nesse âmbito, permitindo que o discurso sobre desenvolvimento sustentável na escala urbana seja interpretado na escala do edifício. Explicita-se, também, o quanto a arquitetura erudita e vernacular tornam-se evidentes na prática como manifestação de uma matriz discursiva. Objetiva-se incorporar a sustentabilidade urbana apresentada por Acselrad (1999) aos preceitos da arquitetura a fim de fundamentar e discutir a prática do arquiteto Milton Monte, que buscou suas referências na arquitetura vernacular do índio e do seringalista do interior da Amazônia, bem como a prática de produção vernacular do habitat ribeirinho. A partir da matriz de sustentabilidade urbana apresentam-se as matrizes do pensamento sustentável para uma habitação representativa da expressão do morar ribeirinho da Amazônia.

**PALAVRAS-CHAVE:** Sustentabilidade. Arquitetura. Milton Monte. Amazônia.

## 1 INTRODUÇÃO

A inclusão de novos rumos para o planeta pautados na sustentabilidade marca uma mudança paradigmática na agenda de governos, permitindo revigorar práticas que privilegiam intervenções mais responsáveis por meio de práticas inspiradoras e humanas.

Duas conferências mundiais sobre meio ambiente tornaram concreta a discussão sobre desenvolvimento sustentável e sua capacidade de atender às necessidades do presente sem comprometer a possibilidade dada ao atendimento de gerações futuras (COMISSÃO MUNDIAL SOBRE MEIO AMBIENTE E DESENVOLVIMENTO, 1991).

Por isso, desenvolvimento econômico compatível com a proteção ao meio ambiente e a inclusão social tornou a discussão ainda mais ampla e complexa, repercutindo na definição de uma agenda para habitação e assentamentos humanos com uma série de práticas que indicava a oferta de habitação adequada para todos como prioridade (CONFERÊNCIA DAS NAÇÕES UNIDAS SOBRE O MEIO AMBIENTE E DESENVOLVIMENTO, 1995).

A melhoria da qualidade de vida e de trabalho a todas as pessoas, especialmente as mais pobres, em áreas urbanas e rurais, como objetivo da Agenda 21, mostra-se alinhada com a demanda e produção do ambiente construído na Amazônia. A oferta adequada de habitação torna-se um ponto decisivo para sustentação de um discurso da sustentabilidade que resgata uma face mais humana dos assentamentos e da arquitetura, permitindo que a existência prevaleça sobre os ditames mercadológicos na produção de arquitetura de espaços habitacionais. Portanto, o enfoque da sustentabilidade nessa área é uma narrativa de interesse para a demanda ribeirinha da Amazônia. Contudo, as matrizes discursivas ainda são incipientes sobre um olhar mais completo da espacialidade e sua complexidade.

O apoio de matrizes discursivas da sustentabilidade no urbanismo, dessa maneira, mostra-se um caminho fortalecido, que apresenta forte inspiração para elaboração de matrizes mais consistentes no contexto das edificações e das comunidades tradicionais, assumindo-se a indução que ela representa para a caracterização de uma habitação adequada à Amazônia.

A produção do ambiente construído requer a antecipada definição de um arcabouço teórico-metodológico capaz de decifrar o conjunto de variáveis que atendam às soluções físico-espaciais voltadas para necessidades e expectativas locais. Por isso, a contenção e o atendimento das necessidades e expectativas humanas pela produção do espaço habitacional recorrem naturalmente à instrumentalização do projeto de arquitetura para oferta de habitação adequada.

Os discursos da sustentabilidade mostram-se pertinentes para o preenchimento de lacunas referentes a discursos desconstruídos de natureza disciplinar da arquitetura. A representação tecnomaterial e do espaço da qualidade de vida nessa área de conhecimento são discursos da sustentabilidade urbana (ACSELRAD, 1999). Objetiva-se aqui explorar justamente os discursos da sustentabilidade urbana na produção arquitetônica na Amazônia brasileira, interpretando as boas práticas sobre o habitat amazônico, criando, assim, uma ponte para abordar os discursos da sustentabilidade nas edificações.

## **2 DISCURSOS DA SUSTENTABILIDADE NA ARQUITETURA**

Os discursos da sustentabilidade como inspiração para novas escalas de descrição se originam nos discursos da sustentabilidade urbana sistematizados por Acserald (1999). Sobre a representação tecnomaterial se desdobram modelos de racionalidade ecoenergética e do equilíbrio metabólico. No enfoque da arquitetura, tais modelos associam-se a aspectos tecnológicos e fisiológicos, que descrevem o ciclo energético do ambiente construído e das condições ambientais para atendimento de necessidade humanas, respectivamente. Enquanto que, do ponto de vista da qualidade de vida, desdobram-se em modelos da cidadania e do patrimônio que podem ser associados aos aspectos simbólicos da área, o que, posteriormente, será abordado.

Os aspectos tecnológicos da arquitetura contidos na racionalidade ecoenergética tomam impulso nas políticas ambientais a partir da década de 1970, com a crise do petróleo, que incide na reorganização do quadro das matrizes energéticas no Brasil e no mundo. A complexidade desse cenário coloca a produção arquitetônica como estratégia para um uso racional de energia, equilibrando princípios da arquitetura passiva e da arquitetura com uso de equipamentos. A racionalidade ecoenergética busca o fortalecimento de princípios das duas arquiteturas, criando um círculo virtuoso de fluxos energéticos no interior do ambiente construído com a complementação de equipamentos mecânicos e reduzindo o consumo de eletricidade.

Quanto aos aspectos fisiológicos, esse tipo de racionalidade descreve o metabolismo humano no processo de trocas de energia que ocorrem no interior do ambiente construído, estabelecendo uma interação saudável entre ele e seres humanos, na qual o organismo humano trabalha minimizando sensações de calor e de frio com o trabalho metabólico. O aparato humano tem um funcionamento capaz de oferecer condições para a manutenção da vida mediante condições ambientais críticas, contudo, há limites para o bom funcionamento dele e nem sempre as condições ambientais atendem a tais limites.

Considera-se assim que, em alguns casos, as condições atmosféricas exigem condições compensatórias para o equilíbrio no sistema metabólico em sua relação com o entorno construído. Quando princípios da arquitetura passiva buscam soluções, algumas vezes, eles as atendem, mas em determinadas situações, pedem complementações mecânicas para que o metabolismo humano não opere no limite de sua capacidade adaptativa ao meio.

Desse modo, a representação tecnomaterial da arquitetura transita em torno da interação que o ser humano estabelece com as condições ambientais, sendo ela a estratégia

para equilibrar os fluxos energéticos ao gerar um ciclo saudável na interação entre ser humano e condições ambientais. Quando os sistemas passivos se esgotam frente aos imperativos de um ambiente inóspito à vida humana tem-se como alternativa uma gama de artifícios mecânicos e equipamentos energeticamente eficientes que já são fabricados para redução de consumo de energia, destaca-se, no entanto, que a arquitetura tem a função de abrigo, não assegurando apenas uma proteção aos perigos em geral com o papel de refúgio, mas também como proteção às intempéries.

A literatura correlata indica uma série de estudos da arquitetura com sistemas passivos e com sistemas energeticamente eficientes ou não, nos quais são demonstrados avanços nos princípios de arquitetura passiva ou bioclimática, mas que aí não se esgotam, com sistemas mecânicos e automatizados para promover condições de conforto no ambiente interno das edificações. A instrumentalização do projeto de arquitetura encontra nos aspectos tecnológicos uma série de pesquisas capazes de promover avanços significativos de complementação para os sistemas passivos, o que provoca um aprofundamento de questões de pesquisa e os respectivos resultados na interface entre a Arquitetura, Engenharias e Física Aplicada. Contudo, o campo multidisciplinar da arquitetura conta com significativas contribuições científicas sobre os princípios bioclimáticos que fundamentam o projeto, por meio de sistemas passivos que já contêm uma resposta ao metabolismo humano, com requisitos necessários para o atendimento das condições de conforto.

A segunda matriz discursiva da sustentabilidade é a arquitetura como espaço da qualidade de vida, mostrando-se bem representada pelos aspectos simbólicos, especialmente a evolução da apropriação e da formação social do ambiente construído, o que promove o sentimento de identificação e pertencimento bem estabelecidos entre ser humano e ambiente construído. A busca por soluções físico-espaciais que atestam a correspondência efetiva e na medida das necessidades e expectativas do usuário final em sua relação com o ambiente construído demonstra, via de regra, o bom trabalho do arquiteto.

Assim sendo, a discussão de matrizes discursivas inspira a oportunidade de escolha pelas boas práticas que apontam caminhos saltares gerando aproximações sucessivas entre o atendimento de necessidades e expectativas humanas referentes ao uso do espaço e a correspondente solução físico-espacial. Contudo, o benefício da solução oferecida alcança, além da funcionalidade, o significado, com a conseqüente ampliação dos efeitos do entorno construído no ser humano descritos, por exemplo, pelo sentido de identificação e de pertencimento que geralmente moldam o vínculo mais profundo estabelecido entre usuário e o espaço arquitetônico (PERDIGÃO, 2006).

A representação tecnomaterial do discurso da sustentabilidade na arquitetura é um aspecto abandonado no decorrer dos tempos (OLIVEIRA, 2000), notadamente, porém, ela recupera uma discussão importante dentro da disciplina e que foi paulatinamente incorporado a partir de uma perspectiva de arquitetura universal, demonstrado com a incidência de condições hostis ao ser humano e que foram testadas cientificamente repercutindo em boas práticas a serem seguidas frente às condicionantes ambientais, como a diferenciada exposição solar em diferentes pontos do globo terrestre e as conseqüências diretas dos fenômenos atmosféricos associados (OLGYAY, 1963).

Sendo a sustentabilidade um paradigma a ser fortalecido em suas bases materiais e sociais, assenhorado por políticas econômicas com consequências ambientais e com a compreensão de que as matrizes discursivas apenas organizam e projetam o pensamento para ações efetivas, busca-se um alinhamento nesse sentido no âmbito urbano para acompanhar o mesmo raciocínio na escala do edifício, para que assim a integração de olhares oriente o planejamento de ações que promovam intervenções sincronizadas sem a anulação de boas práticas em cada uma das específicas escalas com seus contratos epistemológicos e técnicos.

Nessa perspectiva, traduz-se a representação tecnomaterial para a escala da edificação por meio de um discurso que perpassa uma matriz de pensamento já estabelecida na tecnologia da arquitetura, com desdobramentos diretos e objetivos na pesquisa e no ensino de projeto por meio da chamada arquitetura bioclimática e seus sistemas passivos, buscando a redução do consumo de energia elétrica. Pode-se afirmar, com isso, que a arquitetura bioclimática já desempenha um papel importante para o alcance da sustentabilidade por meio da arquitetura.

Da mesma maneira que o campo da arquitetura já vem incorporando o atendimento do metabolismo humano de modo saudável com a utilização do bioclimatismo no projeto (como uma faceta da dos aspectos tecnológicos da arquitetura), pode-se afirmar também que a arquitetura, como espaço da qualidade de vida, tem no aprofundamento dos aspectos da dimensão simbólica e da dimensão afetiva um caminhos percorrido e, mais: tem disseminado a prática projetual a partir de tais discursos na Amazônia, ainda que não seja consensual (PERDIGÃO & BRUNA, 2009; PERDIGÃO, 2010, PERDIGÃO, 2016, PERDIGÃO, 2019).

A pesquisa em projeto de arquitetura, que abrange a inclusão de aspectos simbólicos, mostra-se promissora ao buscar aprofundamento na investigação da interação entre ser humano e ambiente construído (PERDIGÃO, 2012), o que tem revelado qualidades espaciais para a melhoria da vida humana fortalecendo, assim, a instrumentalização do projeto de arquitetura sob o ponto de vista da sustentabilidade, revelando mais um aspecto humano a ser considerado pelo projetista no exercício da profissão. Destaca-se a arquitetura socialmente construída sem arquitetos (RUDOLFISKY, 1964), manifestada por uma grande carga de aspectos simbólicos levando a concluir que a arquitetura vernacular é a manifestação de uma raiz da vida espacial de um grupo, de uma sociedade.

A arquitetura vernacular, a produção de não profissionais que constitui um gênero construtivo homogêneo, é identificável pela cultura, pelo meio e pela época. O papel do usuário da arquitetura vernacular pode ser investigado pela cultura arquitetônica erudita como uma sistematização de padrões e soluções, considerando que o espaço vernacular evolui conforme a realidade empírica, a imitação e a correção gradativa (SILVA, 1994). A interpretação de tal produção é produzir conhecimento formal da arquitetura.

Nesse ponto de vista, encontram-se evidências de que na Amazônia há um caminho percorrido na produção de arquitetura erudita com forte inspiração vinda da arquitetura vernacular, o que se mostra explícito na obra do arquiteto Milton Monte produzida a partir da década de 70 do século XX. Portanto, existe um acúmulo de produção arquitetônica a ser investigada sob esse enfoque, demonstrando as boas práticas reproduzidas com base no respeito ao ambiente amazônico em alinhamento com a cultura ribeirinha da região.

Com a realização de boas práticas na arquitetura produzida, a sustentabilidade na área mostra-se coerente com um discurso sustentável, que pode ser elaborado com base na sustentabilidade urbana abordada por Acrelsrad (1999), confirmando a integração na atividade projetual entre princípios da arquitetura com base na dimensão bioclimática e na dimensão simbólica, portanto, confirmando um ponto de vista tecnomaterial e do espaço da qualidade de vida conforme a matriz de discurso urbana.

### **3 SUSTENTABILIDADE NA ARQUITETURA AMAZÔNICA**

A aproximação dos discursos da sustentabilidade urbana para a escala edilícia se dará pela interpretação, conforme Acserlard (1999), a respeito de um discurso tecnomaterial bem como de um discurso envolvendo a qualidade de vida. São boas práticas, portanto, a serem demonstradas com estudos e análises sobre a residência do arquiteto Milton Monte, uma produção com arquiteto, explorando a dimensão bioclimática como discurso tecnomaterial, e pela dimensão simbólica, como discurso da qualidade de vida, assim relacionando a cultura arquitetônica à cultura ribeirinha a partir do habitat amazônico produzido sem arquitetos.

Milton Monte nasceu em Xapuri (Acre) no ano de 1928. Alguns de seus escritos relatam que teve contato com o barracão seringalista e o modo de vida do seringal bem como com a produção arquitetônica local. Mudou-se para Belém, a cidade que acolheu sua família, onde se formou como engenheiro em 1952, nessa época já realizava projetos residenciais. Aqui formou-se também na primeira turma de Arquitetura da UFPA, em 1964, uma continuidade de dois anos de curso para uma turma de engenheiros. Posteriormente, foi convidado a lecionar no mesmo curso de graduação e em 1986 formou-se em especialista no curso “Arquitetura nos Trópicos”, desenvolvendo uma monografia intitulada “Estudos e contribuições de projetos de edificações na Amazônia Equatorial”, documento de grande relevância para investigação sobre o seu pensamento projetual (MONTE, 1987).

#### **3.1 DISCURSO TECNOMATERIAL NA PRÁTICA DO BIOCLIMATISMO**

Trata-se da discussão de uma prática da sustentabilidade na arquitetura a partir de espaços socialmente produzidos, inspirando-se na arquitetura bioclimática, cujos princípios são de uma arquitetura que opera com sistemas passivos para atendimento das condições de conforto humano que, conforme Villas Boas (1985), destacam-se pela distribuição dos espaços, a cobertura, o beiral, as aberturas, a elevação do solo e a utilização dos espaços.

Os princípios bioclimáticos referentes à arquitetura nos trópicos foram analisados na residência Onda Amarela, pertencente ao arquiteto Milton Monte, constatou-se ali a boa prática de condução no trabalho profissional para otimizar as soluções físico-espaciais que permitiriam condições favoráveis ao bem-estar em ambiente amazônico, aliás, o que é motivo de destaque na trajetória profissional desse profissional.

A análise desenvolvida por Perdigão (1997) sobre a residência de veraneio de Monte na Ilha do Mosqueiro, Pará, confirma a riqueza de soluções quando apresenta o processo de produção da residência com base nos princípios bioclimáticos, os quais foram observados

também na casa indígena Waiãpi (GALLOIS, 2002). Posteriormente, foi adicionada a análise do barracão seringalista (PERDIGÃO et al., 2018), e agora será incluída uma habitação ribeirinha.

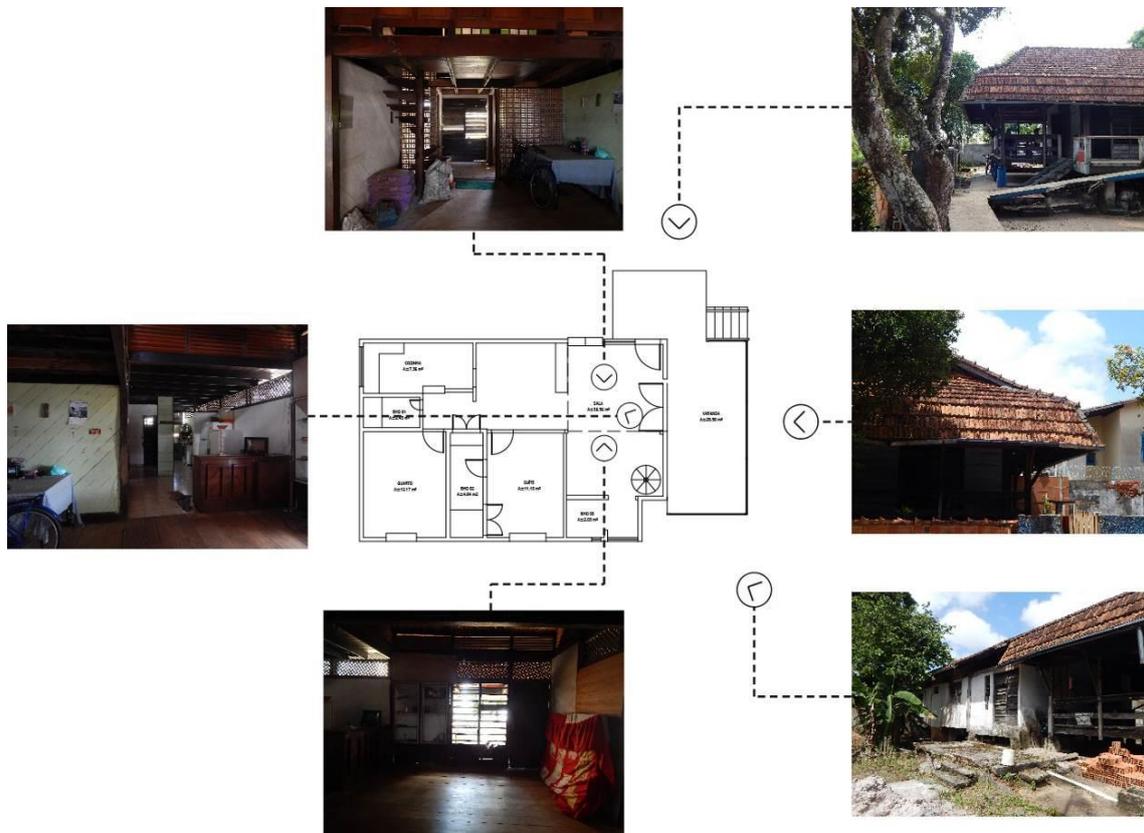
O barracão era a residência do seringalista, mas também era o local destinado ao armazenamento de castanha, borracha, dentre outros produtos extraídos da floresta (CHEROBIM, 1983). A arquitetura do barracão recebeu influência de imigrantes que vieram para a Amazônia durante o ciclo da borracha no século XIX (COSTA E AMORIM, 2007), quando criaram vilas seringalistas pelo interior da Amazônia.

Na residência Onda Amarela, a análise dos princípios bioclimáticos é apresentada com as respectivas soluções adotadas, conforme a figura 1. A distribuição dos ambientes demonstra a integração entre eles, justificando a inexistência de divisórias nos setores social e de serviço. A cobertura é definida por quarto de águas com adoção de um sistema de ático ventilado, seguindo o padrão de cobertura dos barracões seringalistas que inspiram o arquiteto, pois fazem parte de suas lembranças da infância em Xapuri. Assim, tem-se o beiral quebrado, conhecido como beiral quebra-sol/quebra-chuva, localizado em orientações com maior incidência do sol e dos ventos de chuva geralmente nos ambientes abertos e avarandados; e aberturas com sistemas fixos e móveis, que buscam controlar a ventilação no interior dos ambientes, o que, de certa maneira, se combina com a elevação do piso para um resultado mais adequado ao conforto dos usuários. Sobre a utilização dos espaços, observa-se o protagonismo da varanda frontal para convivência e descanso, o espaço que reúne e agrega a família.

Torna-se importante destacar o saber não profissional que gera o espaço vernacular amazônico, uma manifestação da cultura local pelo nativo da Amazônia, e do Brasil, na edificação de abrigos que oferecem a adequada proteção à exposição indevida ao ambiente atmosférico amazônico. Defende-se, assim, o reconhecimento de que os saberes locais e não profissionais oferecem lições que podem ser incorporadas ao saber formal na formação do arquiteto e urbanista e a trajetória de Milton Monte demonstra o círculo virtuoso criado pela troca de saberes entre conhecimento formal e informal.

O exemplo de trajetória profissional praticada pelo professor e **arquiteto paraense** ilustra muito bem o quanto a formação do arquiteto está fundamentada no tripé conhecimento, experiência e habilidade, aspectos que aparecem de modo explícito e de forma integrada em sua produção arquitetônica.

Figura 1: Distribuição interna dos espaços (social e serviço), aberturas com sistemas fixos (superior) e flexíveis (inferior) e a varanda frontal, o beiral quebrado e a elevação do piso



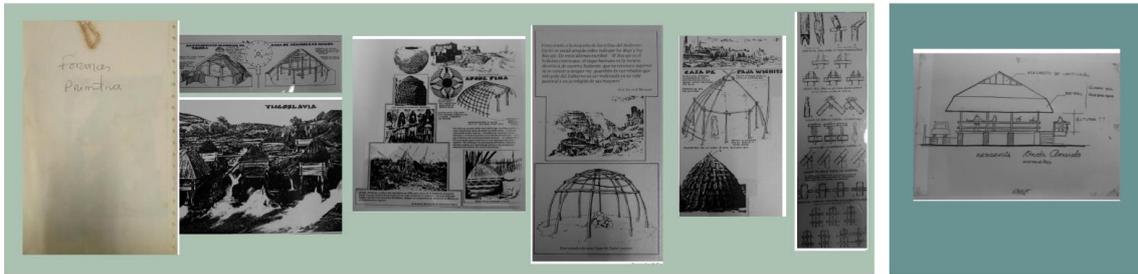
Fonte: PERDIGÃO et al., 2018.

O conhecimento é o elemento do tripé que merece maior exploração, visto que muitas vezes é ignorado tanto de um ponto de vista teórico-metodológico, na academia, quanto na formação de repertório fora dela, a partir de saberes informais ou populares (DEL RIO, 1988). Ele, como uma das ferramentas de projeto se mostra um grande desencadeador de processos, com fundamentos e referências importantes à concepção arquitetônica, mas ele ainda é o elemento do tripé que provoca conflitos insolúveis e cabe sim a constatação de que, na arquitetura, ele merece atenção.

Por um lado, o conhecimento formal precisa ser incorporado criticamente, visto que as teorias muitas vezes são criadas em realidades adversas, sendo importante abrir mais o campo para ser mais abrangente de forma a aproveitar infinitas possibilidades de criação; por outro lado, o conhecimento informal ou popular também requer filtros balizados por um espírito crítico capaz de propor e operacionalizar a incorporação de saberes próprios de uma cultura local.

O acervo técnico de Milton Monte não assegura, mas provoca para acompanhar seu processo de produção arquitetônica, mostrando o quanto estava pautado também em referências marcadamente amazônicas, um extenso acervo de imagens e traços da arquitetura vernacular que o inspirou na reforma de sua residência de veraneio, traduzindo a arquitetura do barracão e da habitação indígena na residência Onda Amarela (Figura 2).

Figura 2: Organização gráfica e fotográfica de referências da arquitetura vernacular adotada pelo arquiteto para apoio ao projeto de reforma da cobertura da Residência Onda Amarela, Mosqueiro, Pará, Brasil



Fonte: ACERVO LEDH, 2019.

### 3.2 DISCURSO DA QUALIDADE DE VIDA NA PRÁTICA DO ESPAÇO VERNACULAR

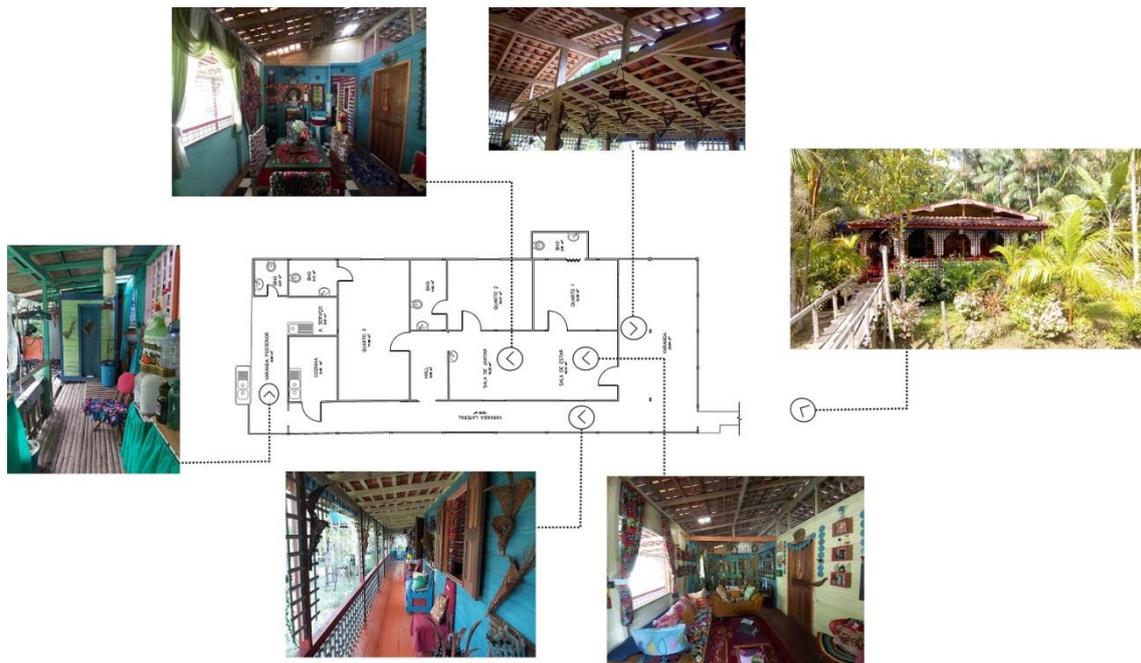
Trata-se da discussão de uma prática da sustentabilidade na arquitetura a partir de espaços socialmente produzidos, com forte inspiração na arquitetura vernacular, o que torna de grande interesse um estudo da produção sem arquitetos em ambiente próximo à malha urbana consolidada da capital paraense, confirmando a repetição de uso dos princípios anteriormente mencionados, agora associados ao habitat ribeirinho contemporâneo na Amazônia.

A qualidade de vida no habitat amazônico tem relação direta com a função abrigo, considerando-se o ambiente interno do espaço doméstico que concorre sobremaneira para oferecer o bem-estar integral ao usuário, não só fisiológico. Ainda que as condições atmosféricas condicionem as soluções adotadas, existe um modo peculiar de assentar a residência em solo amazônico e no cenário de vegetação densa em território constituído por redes de mobilidade com rios de grande extensão.

O modo tradicional de habitar amazônico mostra-se ainda mais significativo quando se assenta fora de áreas urbanas. Desse modo, observa-se a forte identidade na região no que se refere à produção do ambiente construído sem arquitetos. A casa ribeirinha apresentada aqui é objeto de estudo do Laboratório Espaço e Desenvolvimento Humano, da Universidade Federal do Pará. Trata-se de um espaço produzido por uma família cujo chefe cuida atentamente para que os limites sejam confortáveis para quem mora e para quem a visita. Localizada no município de Barcarena, na Usina Vitória, a residência é alvo de interesse não só de visitantes, mas também de pesquisadores das universidades que desenvolvem estudos e projetos com a autorização do proprietário.

Na habitação ribeirinha sem a intervenção de arquiteto, também se percebe a utilização dos princípios bioclimáticos. A análise desses princípios é apresentada na figura 3, com as respectivas soluções adotadas. Constata-se que o conhecimento formal apenas traduz o profundo significado da cultura amazônica e sua presença na atualidade regional, no momento em que os homens ainda não se separaram da natureza, onde perdura uma harmonia mesmo que entrelaçada de perigos, pois vivem em um mundo que ainda não foi dessacralizado (LOUREIRO, 1995).

Figura 3: Princípios bioclimáticos em habitat ribeirinho amazônico



Fonte: ACERVO LEDH, 2019.

A distribuição dos ambientes demonstra a integração entre eles, justificando a inexistência de divisórias nos setores social e de serviço. A cobertura é definida por duas águas com adoção de um sistema de ático ventilado que apresenta um terceiro plano de cobertura. O beiral convencional acompanha os espaços abertos, com uma circulação que acompanha toda a lateral da casa bem como o avarandado frontal. As aberturas são convencionais, mas destacam-se os elementos de composição de fachada que permitem a entrada e saída do ar, naturalmente, há uma combinação desejada com a proteção de árvores ao redor da residência. Sobre a utilização dos espaços, observa-se também o protagonismo da varanda frontal para convivência e descanso, o espaço que reúne e agrega a família. Além do que faz a integração com a paisagem natural circundante.

#### 4 CONCLUSÃO

A lógica de políticas públicas pautadas no desenvolvimento sustentável refaz caminhos na perspectiva mais saudável para os rumos planetários. Uma mudança paradigmática que altera matrizes discursivas e reconduz práticas de produção da cidade e do ambiente construído para patamares aceitáveis dentro da finitude de recursos materiais e os naturais, especialmente.

As matrizes de pensamento, nesse sentido, tiveram uma iniciativa importante do ponto de vista urbano (ACSERLRAD, 1999), contudo, a aproximação com um arcabouço teórico-metodológico reunindo práticas exitosas na produção do espaço arquitetônico permite a interpretação sobre uma base empírica condizente com as peculiaridades da Amazônia.

As matrizes tecnomaterial e da qualidade de vida reordenam o pensamento e fortalecem o projeto arquitetônico quando reiteram um discurso que enriquece a erudição, mas também o vernacular no campo da arquitetura.

As idas e vindas entre a arquitetura e o vernacular na produção do espaço na Amazônia demonstram a estreita ligação entre uma arquitetura que cumpre seu verdadeiro papel ao ser conduzida com o protagonismo do lugar e buscou-se explicitar aqui como a arquitetura vernacular inspira a arquitetura erudita, e a base teórico-metodológica que integra um círculo virtuoso de teorias e práticas, reafirmando que tal riqueza de valores não se mostra apenas no passado, pelo contrário, está presente e viva na cultura ribeirinha da Amazônia.

O que se confirma na análise de Perdigão (1997) sobre a residência de veraneio de Milton Monte, quando apresenta o processo de produção da residência com base nos princípios bioclimáticos os quais são observados também na casa indígena. Posteriormente, foi complementada com a análise do barracão seringalista (Perdigão et al., 2018) e, por fim, a inclusão da análise de uma habitação ribeirinha, o que demonstra a compreensão de que a importância da produção do ambiente construído na Amazônia implica no respeito ao lugar, seja com arquitetos ou sem arquitetos.

Milton Monte resgata em sua arquitetura o respeito ao lugar por meio de sua história de vida e revigora esforços continuados para que os traços de um saber não formal se eternizassem em sua obra. A marca de uma identidade regional com a manifestação arquitetônica é um campo aberto e merece inúmeras interpretações e nuances. A arquitetura de Monte não precisa ter adjetivos, pois a espacialidade produzida já congrega inúmeras qualidades que atestam sua arquitetonicidade. Uma espacialidade que demonstra a intencionalidade do arquiteto e sua responsabilidade tecnomaterial e respeito à ambiência amazônica bem como seus valores profissionais que atribuem enorme importância ao usuário e ao ser humano que habita na Amazônia.

Agradecimentos especiais à UFPA, à equipe do LEDH-UFPA, aos arquitetos que fizeram do seu ofício uma bandeira de resistência à cultura amazônica. Um especial agradecimento a Milton Monte e Severiano Porto, os chamados “arquitetos da floresta”.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ACSELRAD, Henri. Discursos da sustentabilidade urbana. **Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais**, n. 1 p. 79-90, 1999.

DEL RIO, Vicente. Projeto de arquitetura: entre criatividade e método in DEL RIO, Vicente (Org.). **Arquitetura: pesquisa & projeto**. Rio de Janeiro: FAU UFRJ, 1998. p. 207.

CHEROBIM, Mauro. Trabalho e comércio nos seringais amazônicos. **Perspectivas**, 6, p. 102-107, 1983. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/108221/ISSN1984-0241-1983-6-101-107.pdf?sequence=1>. Acesso em: dez. 2020.

BRASIL. **Conferência das Nações Unidas sobre o meio ambiente e desenvolvimento**. Brasília: Câmara dos Deputados, 1995.

COMISSÃO MUNDIAL SOBRE MEIO AMBIENTE E DESENVOLVIMENTO. **Nosso futuro comum**. 2. ed. Rio de Janeiro: editor da Fundação Getúlio Vargas, 1991.

COSTA, Ana L.R. M. F.; AMORIM, Luiz M. E. Acre, história e arquitetura: Tradição vernácula e moderna num ambiente de floresta. **Arquitextos**, 2007. Disponível em: <http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/07.083/257>. Acesso em: dez. 2020.

GALLOIS, Catherine. **Wajãpi rena: roças, pátios e casas**. Rio de Janeiro: Museu do Índio, 2002.

LOUREIRO, João de Jesus Paes. **Cultura Amazônica: uma poética do imaginário**. Belém: CEJUP, 1995.

MONTE, José Milton Pinheiro. **Estudos e contribuições sobre modelos de projetos e edificações na Amazônia Equatorial**. 1987. 61f. Monografia (Especialização em Arquitetura nos Trópicos) – Universidade Federal do Pará, 1987.

NORBERG-SCHULZ, C. O fenômeno do lugar. **Uma nova agenda para a arquitetura**. São Paulo: Cosac & Naify, 2006. p. 441-461.

OLGYAY, Victor. **Design with Climate: Bioclimatic Approach to Architectural Regionalism**. Princeton: Princeton University Press, 1963.

OLIVEIRA, Beatriz Santos. **A construção de um método para arquitetura: procedimentos em Vitruvio, Alberti e Durand**. São Paulo, 2002.

PERDIGÃO, Ana Klaudia de Almeida Viana. **A dimensão afetiva da arquitetura de espaços habitacionais**. 2006. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade de São Paulo, USP, Brasil, 2006.

PERDIGÃO, Ana Klaudia de Almeida Viana. Considerações sobre o tipo e seu uso em projetos de arquitetura. **Arquitextos**, 10, 2009. Disponível em: <https://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/10.114/14> - Acesso em: nov. 2020.

PERDIGÃO, Ana Klaudia de Almeida Viana. **Investigações sobre a interação entre ser humano e ambiente construído pelo projeto de arquitetura**. In: II ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUITETURA E URBANISMO, 2012, Natal. **Anais [...]**.

PERDIGÃO, Ana Klaudia de Almeida Viana. Projeto arquitetônico participativo em programa habitacional de baixa renda na Área da Companhia das Docas do Pará - CDP (PA). In: IX CONGRESSO IBEROAMERICANO DE URBANISMO, 2000, Recife. **Anais [...]**.

PERDIGÃO, Ana Klaudia de Almeida Viana. Tipo e tipologia na palafita amazônica da cidade de Afuá. **Virus**, v. x, p. 1, 2016.

PERDIGÃO, Ana Klaudia de Almeida Viana ; BRUNA, G. C. Representações espaciais na concepção arquitetônica. In: IV PROJETAR 2009, 2009, São Paulo. **Anais [...]**. São Paulo: Alter Market, 2009.

PERDIGÃO, Ana Klaudia de Almeida Viana ; BRUNA, G. C. . O papel do projeto de arquitetura na produção da moradia. In: II SEMINÁRIO POLÍTICA E PLANEJAMENTO: ECONOMIA, SOCIEDADE E TERRITÓRIO, 2010, Curitiba.

PERDIGÃO, Ana Klaudia de Almeida Viana; OLIVEIRA, L. F.; LADEIA, D. C. Milton Monte e sua Arquitetura do Barracão: análise da residência Onda Amarela, Ilha do Mosqueiro (PA). In: III SAMA, 2018, Belém. **Anais [...]**.

PERDIGÃO, Ana Klaudia de Almeida Viana. **Beiral quebra-sol/quebra-chuva: um estudo comparativo da resposta térmica no ambiente construído em zonas equatoriais úmidas**. 1994. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 1994.

PERDIGÃO, Ana Kláudia de Almeida Viana. Princípios bioclimáticos consolidados num modelo de arquitetura em Belém (PA). In: ENCONTRO NACIONAL SOBRE EDIFICAÇÕES E COMUNIDADES SUSTENTÁVEIS, 1997, Canela. **Anais [...]**. p.197-202.

RUDOLFSKY, Bernard. **Architecture without Architects**. New York: Doubleday & Company Inc., 1964.

SILVA, Elvan. **Matéria, idéia e forma: uma definição de arquitetura**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 1994.

**Revista Latina-americana del  
Entorno Construido y Sustentabilidad**

ISSN 2675-7524 / v. 1, n. 4 (2020)

VILLAS BOAS, Márcio. Significado da arquitetura nos trópicos - um enfoque bioclimático. *In*: I SEMINÁRIO NACIONAL SOBRE ARQUITETURA NOS TRÓPICOS. 1985, Recife. Recife: Fundação Joaquim Nabuco/Editora Massangana, 1985. v. 1. p. 35-60.